

## Crónicas bracarenses de Rafael Bordalo Pinheiro Maria Virgílio Cambraia Lopes

No século XIX era longa e difícil a distância que separava Lisboa de Braga mas, no imaginário dos lisboetas, a cidade minhota ocupava um cantinho muito próprio. À capital chegavam as notícias de tradições ancestrais escrupulosamente cumpridas, os ecos de um clero conservador e secular, sendo que o simples nome da antiga Bracara Augusta, depois cidade dos Arcebispos, era inevitavelmente associado à imagem de igrejas e capelas, de conventos e seminários, de confrarias e irmandades.

Estas representações tão vincadamente religiosas não poderiam deixar de aguçar a curiosidade de Rafael Bordalo Pinheiro, alfacinha, republicano e *maçon* e de espicaçar a sua forte veia anticlerical. Daí que, algumas vezes, tenha Rafael Bordalo metido os pés ao caminho para conhecer *in loco* a vida e as gentes bracarenses. Ocasões que, como era seu hábito, não desperdiçou, tendo registado em desenho as suas sempre bem dispostas e críticas impressões.

Assinalando-se este ano o primeiro centenário da morte do caricaturista, nada mais oportuno então do que folhear os seus periódicos e, à distância de um século, descobrir as imagens que Bordalo fez chegar ao vasto universo de leitores fiéis que, semanalmente e durante trinta anos<sup>1</sup>, em todo o país, se habituaram a seguir as suas reportagens humorísticas.

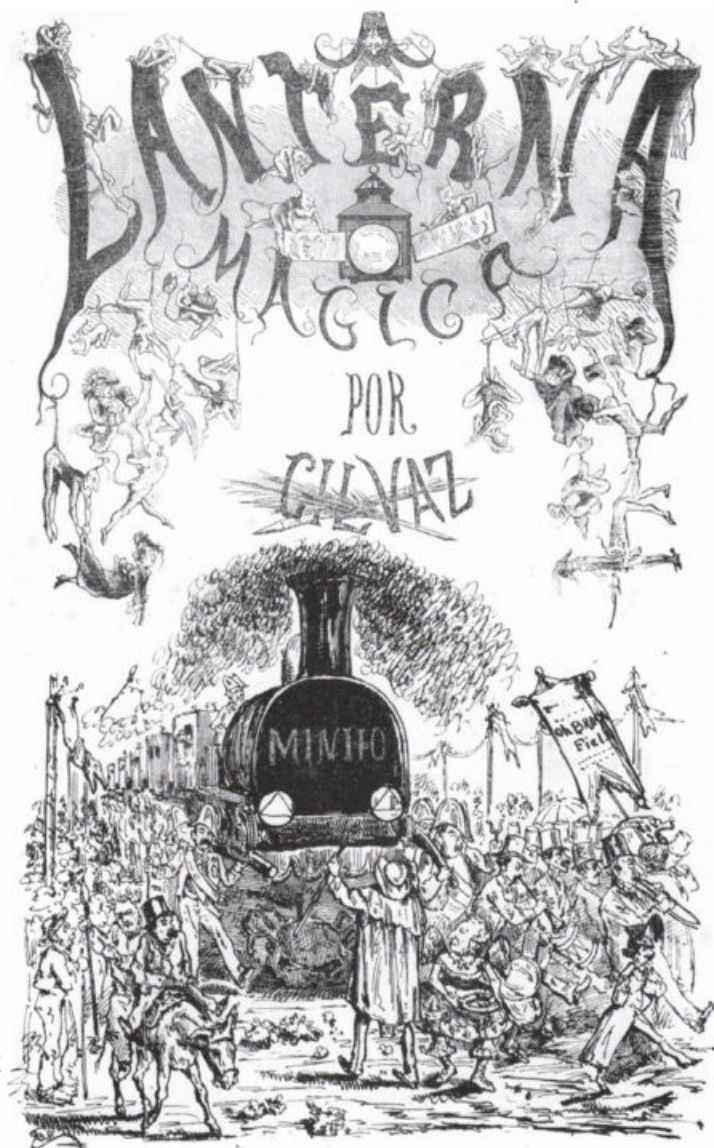
## Uma festa memorável: a chegada do comboio à cidade

Em 1875, o grande acontecimento em Braga foi, sem dúvida, a inauguração do caminho de ferro que, parte integrante do grande surto ferroviário empreendido na época da Regeneração<sup>2</sup>, teve foros de notícia no país e contou com a presença do rei D. Luís (OLIVEIRA 1999: 35).

Rafael Bordalo não faltou à viagem inaugural. Jovem ainda<sup>3</sup>, no início de uma carreira que se anunciava já promissora, tinha alcançado bastante êxito com o seu periódico mais recente, *A Lanterna Mágica*, iniciada a 1 de Maio de 1875. A inauguração em Braga mereceu honras de capa do segundo número do jornal (fig. 1). Uma locomotiva negra, com a inscrição "Minho", apetrechada com uma chaminé fumegante, aparece ao centro do desenho como elemento principal de uma procissão tão festiva quanto confusa e desorganizada, com bombos, cornetas e estandartes. Do lado esquerdo, em primeiro plano, está Rafael Bordalo, encolhido e algo sorumbático, completamente esfalfado e significativamente... montado num burro, transporte indispensável à chegada, dada a distância a que, na época, a estação de caminho de ferro ficava do centro da cidade (OLIVEIRA 1999: 35).

Mas não se fica por aí o referido número do periódico. O percurso épico da viagem até ao Porto – em que num estribilho lento, monótono e repetitivo se relata que "o expresso ia avançando, avançando, avançando", ora "triste e melancólico", ora "leal e patriótico" – é oferecido em "notas que constituem uma página íntima da vida de um expresso" aos "futuros biógrafos dos comboios portugueses" pela redacção do jornal (pp. 10, 11). Em coro, Guerra Junqueiro, um dos redactores da publicação<sup>4</sup>, celebrava em seis quadras "a benção da locomotiva". Depois de considerar que, feita em Inglaterra, a máquina seria certamente "um pouco protestante" e que por isso se lhe deveria extrair a heresia, o poeta é da opinião que "além do maquinista" seria precisa "muita teologia... além de algum carvão". E remata:

Atirem-lhe uma hóstia à boca famulenta,  
Preguem-lhe alguns sermões, ensinem-na a rezar,  
E lancem na caldeira um jorro d'água benta,  
Que com água do céu talvez não possa andar



Festa da inauguração

Fig. 1 – Capa do n.º 2 de *A Lanterna Mágica*.

As notas de Bordalo eram, no entanto, outras. Numa divertida sequência caricatural, faz a sua própria reportagem, esmiuçando horas e minutos (fig. 2): primeiro, a chegada ao Porto, com o comboio, estafado, de língua de fora e suado a limpar a testa; depois, o caricaturista a contemplar o povo "às pinhas" que, de chapéu na mão, esperava apalermado; para, logo de seguida, mostrar o amontoado de gente deitado numa só cama dentro das hospedarias, que se revelaram completamente impotentes para acudir à avalanche dos visitantes. É, todavia, toda festiva, que a locomotiva se apressa a chegar a Braga. À espera, vinhos "admiravelmente bons" e as entidades oficiais que organizaram "bailes delirantes", onde volteava "a grande quadrilha do poder executivo"... A finalizar, é exposta a indignação do cabido perante tanta devassa e, em legenda, comenta-se que os bracarenses estavam "convencidos de que as locomotivas" tinham sido "inventadas pelos judeus do Bom Jesus do Monte" (p. 12).

Pese embora a mordacidade dos desenhos e dos comentários, o certo é que *A Lanterna Mágica* em número posterior não deixa de saudar as transformações operadas na cidade, fruto do caminho de ferro que lhe proporcionava uma ligação mais rápida e mais segura ao Porto dos liberais, fazendo-o nos seguintes termos:

A cidade alegra-se, melhora, vivifica-se. O caminho de ferro, pondo-a em contacto com a população liberal do Porto, foi como uma artéria de homem robusto lançando um jorro de sangue puro nas artérias combatidas de uma velha beata.

L M. p. 128

De forma entusiasta, e parafrazeando um amigo, o jornal anuncia que "Braga está uma segunda Paris", começando a arredar terços e procissões. Prenúncios demasiado apressados e optimistas que, nas décadas seguintes, os periódicos de Bordalo não voltariam a repetir. Uma Braga à imagem da capital francesa, para onde na época as elites portuguesas voltavam o olhar, foi um desejo que, com efeito, não mais se concretizou.

TELEGRAMMAS DO NOSSO CORRESPONDENTE ESPECIAL NO PORTO

15, às 9 h. 23 m. da n.



Chegamos assim.

16, a 1 da n.

Vinhos: admiravelmente bons, como muito bem disse em telegramma o sr. Teixeira de Vasconcellos, redactor do *Jornal*.



17, 12 h. 3 m. n.

A imprensa muito bem recebida e coberta de atenções pelo governo, pela camara municipal em particular, e pelas



O povo... ás pinhas!!!



10 h. e 15 m.

Hospedarins...



17, 2 h. 10 m. n.

Bailes delirantes; grande quadrilha do poder executivo.



Habitantes convencidos de que as locomotivas foram inventadas pelos judeus do Bom Jesus do Monte.



Fig. 2 – A Lanterna Mágica, p. 12.

## O centenário do Bom Jesus do Monte

Nove anos mais tarde, Rafael Bordalo Pinheiro regressa a Braga. Era já uma figura que trilhava com prestígio os caminhos da fama. Cinco anos antes, a 12 de Junho de 1879, dera início à sua obra mais marcante, *O António Maria*, que cedo fez furor. Neste ano de 1884, executa também em cerâmica os seus primeiros pratos decorados que são expostos no Salão da Promotora, lançando de seguida as bases daquela que seria a Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha (FRANÇA 1982). Ao mesmo tempo colabora em diversas publicações nacionais e estrangeiras<sup>5</sup>.

Por ocasião da partida, n' *O António Maria* de 29 de Maio de 1884, Pan<sup>6</sup> deseja boa viagem a Bordalo em três oitavas onde não faltavam as referências habituais aos judeus do Bom Jesus (p. 175).

É pois um Bordalo já com assento firmado na praça da caricatura aquele que – para utilizar as palavras do articulista d' *O António Maria*, de 5 de Junho de 1884 – envia para a capital o canudo com os desenhos que permitiram que Lisboa visse literalmente... Braga por um canudo! (p.178)

E que viu então Lisboa? Desde logo uma caricatura que mostrava o imponente e "rotundo" arcebispo de Braga a zelar pelo carro que tinha participado no cortejo do centenário e que exibia as virtudes teológicas. Puxado por quatro cavalos, com o Bom Jesus ao fundo, o carro foi considerado pelo jornal "uma paródia bem imaginada", tendo-se *O António Maria* candidatado a pedi-lo de empréstimo... para o Carnaval do ano seguinte (fig. 3). Duas caricaturas, uma elogiosa, representando o homem do liberalismo que foi José Joaquim da Silva Pereira Caldas, professor e escritor sediado em Braga; e outra, mostrando os varredores de rua e ironizando com o seu novo fardamento azul e encarnado, completavam esta série de desenhos.

Mais pormenorizadas foram as referências à primeira Exposição de Flores em Braga que mereceu de Bordalo um louvor numa página inteira do mesmo número d' *O António Maria* (fig. 4), aplauso que no entanto não o coíbiu de troçar do mau gosto e da falta de qualidade de alguns dos espécimes desenhados que, como se adivinha, eram adornados com motivos religiosos: um

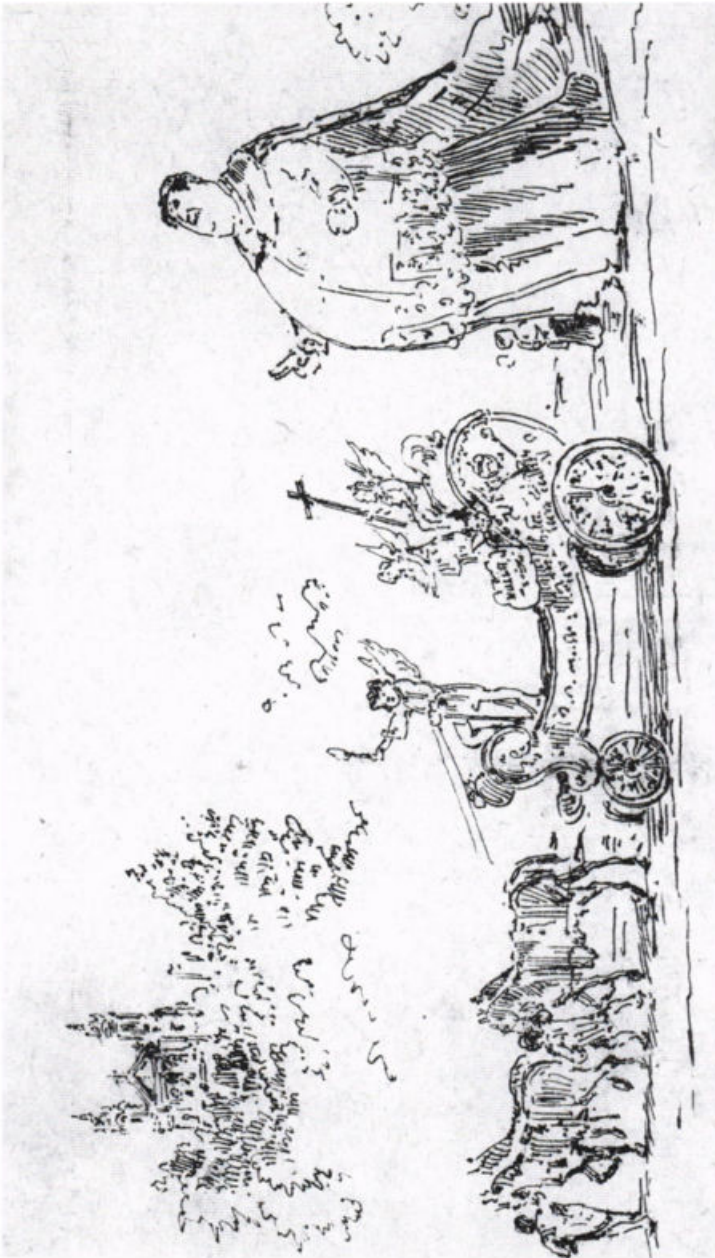


Fig. 3 – O António Maria, 5/ 6/ 1884, p. 178.



Fig. 4 – O António Maria, 5/ 6/ 1884, p. 179.



reproduzia, por exemplo, uma rosa de papel com um menino Jesus de cera deitado ao centro (fig. 5)<sup>7</sup>.



Fig. 5 – *O António Maria*, 5/ 6/ 1884, p. 180.

Se a romaria do Bom Jesus do Monte já se contava entre as mais importantes realizadas na região minhota, o certo é que, em 1884, as festividades do centenário foram concorridíssimas. Estima-se que às cerimónias tenham ocorrido cerca de 90 000 romeiros (MATTOSO 1993: 521), número só por si revelador da envergadura do acontecimento que, à semelhança de outras romagens do género, associava numa mescla por vezes confusa o religioso e o profano. Assim, convivendo lado a lado com as missas, as procissões, os anjos, os andores, os círios e as oferendas em cera estavam os fogos-de-artifício, as iluminações e as especialidades gastronómicas<sup>8</sup>.

Uma das características reconhecidas em Rafael Bordalo é a extraordinária capacidade de observação aliada à precisão do traço. Daí que a reportagem

humorística das festas do centenário do Bom Jesus, em que participou, tenha registado quase todos estes aspectos, de forma atenta e minuciosa, usando os mais diversificados suportes.

Pequenas notas escritas dão conta de rivalidades:

A Senhora do Sameiro, ciosa das esplêndidas iluminações que teve o Bom Jesus, feitas a sebo, projecta despicar-se brevemente fazendo também umas soberbas iluminações a sebo de grilo.

A M<sup>a</sup> 5/ 6/ 1884, p. 180

Ou revelam a simbiose entre o sacro e o profano:

A sacristia da capela de Frei João do Neiva, o *fradinho*, onde os devotos despem as alvas em que vêm amortalhados e deixam as esmolas de azeite, ovos, linho, trigo, etc, chega a competir com o guarda-roupa do Cruz e a mercearia do Martins.

E ainda há quem diga que o fanatismo já lá vai!...

p. 180

Numa sequência de pequenas caricaturas legendadas Bordalo aproveita as comemorações para ironizar com um conjunto de personalidades: Lopo Vaz, Rodrigues de Freitas, o marquês de Valada, Guiomar Torresão, mas é em duas páginas publicadas em 12 de Junho de 1884 que o caricaturista deixa uma visão global das comemorações (fig. 6). Do lado esquerdo, em desenho, o retrato de Fernando Castiço, autor da *Memória História do Real Santuário do Bom Jesus do Monte*, cujo valor histórico é sublinhado em artigo noutra página do mesmo jornal. Ao centro da imagem, uma visão do arraial, onde não faltam os fornos de assar as carnes, as pipas, as mesas corridas e a inevitável tabuleta a anunciar os vinhos e petiscos que, curiosamente, regista também o nome do comerciante responsável, fazendo mais uma vez Bordalo jus ao valor documental característico da sua iconografia. Ao lado, aparece representado o pavilhão do Passeio Público, acompanhado da legenda indulgente "um pouco apopléctico mas alegre". É, todavia, com a caricatura seguinte, que o caricaturista dá largas ao seu espírito mordaz: Bordalo autorepresenta-se de sotaina – já se estava "sentindo padre prior" com tudo aquilo – e desenha "tipos de romeiros e de forasteiros." Em seguida reproduz, elogiosamente, as iluminações da rua do

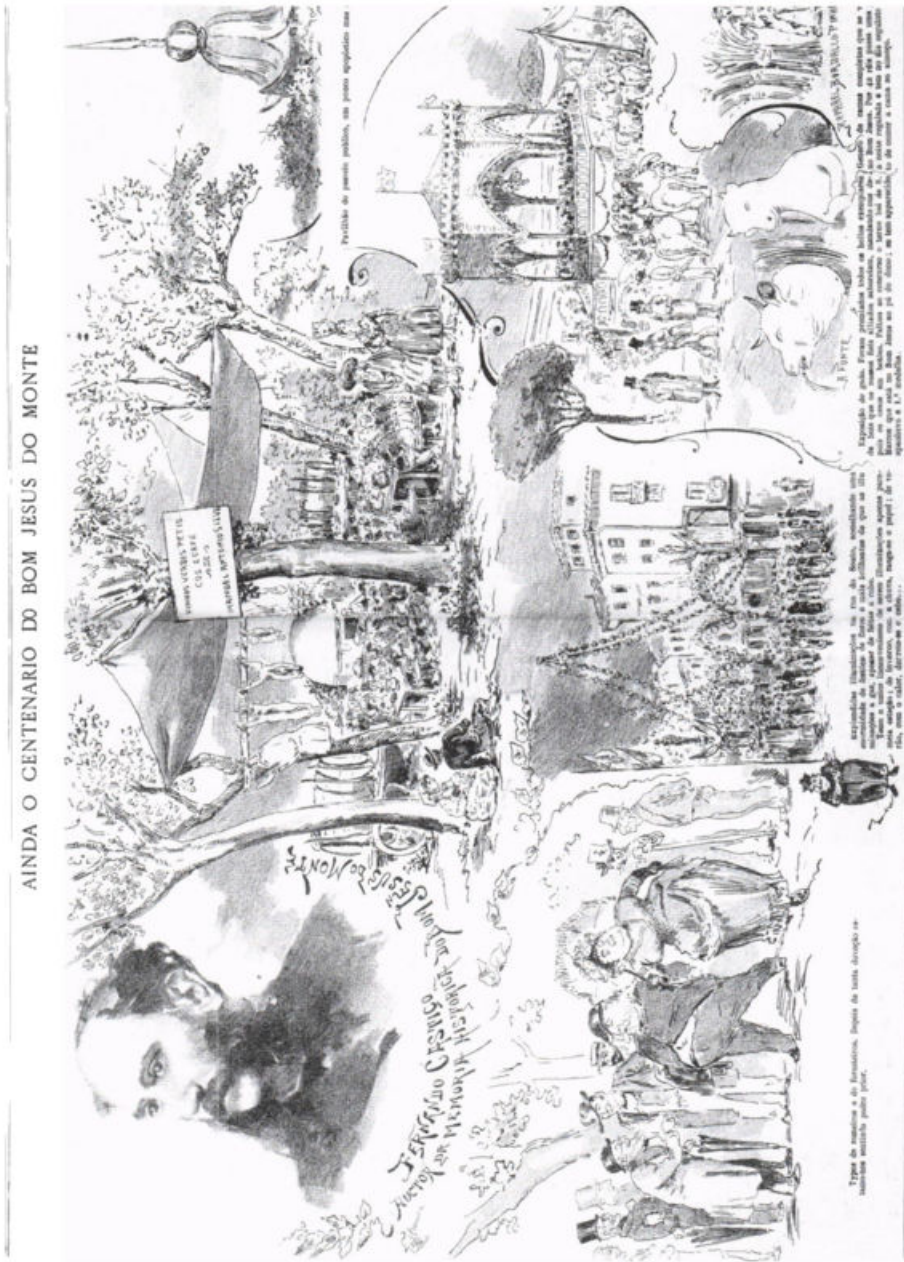


Fig. 6 – O António Maria, 12/ 6/ 1884, pp. 188-189.

Souto não sem deixar nota dos inconvenientes (como não eram a gás, mas de sebo e papel, seriam pouco duradouras: de Inverno rasgar-se-iam, de Verão derreteriam!). Segue-se o desenho da exposição de gado com referência às cabeças premiadas e o registo iconográfico completa-se com a mostra de alguns fardos de palha, acompanhados de uma legenda satírica:

Género de camas completas que se vendem no Bom Jesus. Por 40 réis passa uma pessoa a noite regalada e tem no dia seguinte o direito de comer a cama ao almoço.

pp. 188, 189

## A viagem real

Em Setembro e Outubro de 1887, os *Pontos nos II* noticiaram a viagem real ao norte do país, realizada por D. Luís, pela rainha D. Maria Pia e pelos príncipes herdeiros, D. Carlos e D. Amélia, que percorreram o território de Mirandela à Régua, passando depois pelo Porto e seguindo para a Póvoa do Varzim, Vila do Conde e para o Gerês, onde teve lugar uma caçada real. Este importante acontecimento social não escapou à notícia caricatural primeiro de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro (p. 329), depois de Rafael Bordalo que, também numa página, fez a reportagem do evento, em banda desenhada (fig. 7).

Em primeiro lugar, mostra-se a chuva e a atrapalhação dos jornalistas. Recebendo os ilustres visitantes com a costumeira fecundidade das suas chuvadas, Braga já tinha sido pretexto para algumas anedotas, publicadas no periódico:

### A Viagem Real

Diz um telegrama de Braga:

«Tem chovido copiosamente todo o dia.»

Refere outro do Gerês expedido na mesma data:

«Sua alteza a princesa D. Amélia foi à pesca das trutas.»

Considera em Lisboa o merceeiro do nosso amigo Mendonça e Costa<sup>9</sup>: Não admira que chovesse em Braga, quando sua alteza andou pescando trutas, porque lá diz o ditado: não se pescam trutas às *bragas* enxutas...



Fig. 7 – Pontos nos ii, 31/ 10/ 1887, p. 339.

Não é pois de estranhar que Rafael Bordalo desenhe os caçadores “à espera que apareça algum veado empalhado e de chapéu de chuva”... Em seguida, dando continuidade ao seu tema preferido, desenha um tipo, “o homem mais feio do mundo” que, como não podia deixar de ser, parecia “escapulido das capelas do Bom Jesus” e representa a longa fila à espera de cumprimentar a rainha, uma fila “de judeus fardados e de comendas” (também fugidos das ditas capelas), onde ele próprio se inclui. Para terminar, dois apontamentos: a *gaffe* real – oferta de um *puding* em cofre de veludo a sua majestade que, por engano, comeu o veludo e se sentou em cima do *puding*; e a apresentação de duas conhecidas personalidades de Braga – o já referido republicano Pereira Caldas e Manuel Gomes, proprietário de todos os hotéis da cidade.

A comitiva real seguiria viagem rumo a Viana do Castelo e depois em direcção a Guimarães, onde inauguraria o conhecido monumento a Afonso Henriques, da autoria de Soares dos Reis.

Curiosamente, depois de grande indecisão e não obstante a indignação e as pressões vimaranenses, D. Luís decidiu ir pernoitar... a Braga (p. 350).

## A rivalidade Braga/Guimarães

Ao viajar por Braga e Guimarães, Rafael Bordalo Pinheiro teve ocasião de se aperceber do sentimento de competição e ciúme que, secularmente, tem ensombrado as relações entre estas duas antigas urbes. Como era seu hábito, não perdeu o ensejo de explorar em caricatura esta rivalidade que, em 1886, ganhou visibilidade nacional com as tentativas infrutíferas de Guimarães para, no contexto da discussão do Código Administrativo, se aproximar do Porto e virar definitivamente costas a Braga.

Numa caricatura publicada em *Pontos nos ii*, em 21 de Janeiro de 1886 (fig. 8), o caricaturista – que se caracteriza por utilizar a metáfora teatral como instrumento de percepção do real (LOPES 2005) – serve-se de um dos êxitos da época, o *Fausto* de Charles Gounod, para encenar a disputa entre as duas cidades.

42  
de 1886

### BRAGA E GUIMARÃES

OU A SCENA DA FASCINAÇÃO DO 'FAUSTO'



Marysca de Vellido e o Napoleãozinho d'este Margalide Braga. Regueilima?  
Votaram Guimaraes sobre as liras em cruz, e, atalando a mão em Fyris traxerá, de, Agre e m.  
Ora já não se dá mais a ideia de se fazer a festa de Guimaraes, e a festa de Guimaraes.  
N. de S. — O Napoleãozinho d'este Margalide Braga. Regueilima?  
de Jazara, e de Isidoro. — O effeito isto será tão grande como, mais e muito mais agradável ao cor. J. e m. A.  
elle tudo se abate a este para madame de as bases, as creanças, os filhos e a cidade e recada e volta.  
em. A. de m.

Fig. 8 – Pontos nos ii, 21/ 1/ 1886, pp. 300-301.

O marquês de Valada<sup>10</sup>, na época governador civil de Braga, é o demoníaco Mefistófeles que atrai e paralisa Braga, a ingénua Margarida. Guimarães é personificada em Valentim (na ópera irmão de Margarida) que, de semblante carregado, dá as mãos ao Porto, representado na pessoa do seu fiel amigo Siebel. Braga, ajoelhada e suplicante, estende chorosamente as mãos ao irmão que, de maneira bélica, lhe mostra as facas, colocadas muito convenientemente em forma de cruz. Tendo em conta o sucesso alcançado pelo *Fausto* e partindo do princípio que os seus leitores estavam dentro do *libreto*, Bordalo refere na legenda que procedeu a pequenas alterações no argumento para, em nota, ridicularizar a confiança mantida por Fontes Pereira de Melo no controverso governador civil.

Pan-Tarântula, no mesmo número, na sua crónica semanal, afina por igual diapasão. Conta os ditos e os comentários que, a propósito da querela, se faziam em Lisboa, à porta da Havaneza e insurge-se contra Braga, não propriamente tomando o partido de Guimarães, mas por achar que a cidade se deixa erradamente governar pelo incompetente marquês:

Parecia-nos que Braga, depois de consentir que lhe metessem o sr. Bailio de porta a dentro, murmurando resignada: «seja tudo pelo amor de Deus», não tinha o direito de andar agora, porque lhe tiram Guimarães, a cantar pelas ruas o hino da Maria da Fonte – cuja propriedade exclusiva pertence hoje, de mais a mais, ao sr. Oliveira Martins da *vida nova*...

Esta incoerência flagrante, de Braga permitir que lhe metam o sr. Bailio, escandalizando-se porque lhe tiram Guimarães, só se explica pelo egoísmo incontinente de quem permite que tudo lhe metam, contanto que nada lhe tirem...

Mas repare que isso não pode ser...

Pan-Tarântula, *Pontos nos ii*, 21/ 1/ 1886, p. 302

Toda esta celeuma tinha sido levantada por um despacho telegráfico em que se descrevia a partida de Braga da comissão representativa ao parlamento para tratar da questão, partida estrondosa que tinha levado à estação de caminho de ferro da cidade minhotoa inúmeras corporações, várias bandas de música (a tocarem a Maria da Fonte) e uma multidão de cerca de quinze mil pessoas!



As desavenças entre as duas cidades continuaram por largas semanas, durante as quais Pan-Tarântula foi dando largas à sua animosidade contra os bracarenses:

Lembra-nos um expediente muito simples para resolver a questão de Braga e Guimarães.

É mandar lá o tenor Masini.

É um caso de vantagem mútua...

O célebre tenor prestará um grande serviço à cabeça de comarca serenando os ânimos com a sua voz celestial; Guimarães prestará outro serviço, igualmente grande, à cabeça de Masini cortando-lhe o cabelo com a sua tesoura nativa<sup>11</sup>...

Sobre a excelência da tesoura de Guimarães não tenha o ilustre cantor a menor dúvida.

É até por causa dessa tesoura que Braga se está manifestando contra a desanexação de Guimarães.

As tesouras de Guimarães fazem-lhe uma falta dos diabos para abrir a coroa às suas legiões de cónegos...

São cabeças rijas de tesourar como a piaçaba dos Açores...

Pan-Tarântula, *Pontos nos ii*, 4/ 2/ 1886, p. 315

Em 25 de Fevereiro, *Pontos nos ii* noticiam a remodelação ministerial e Rafael Bordalo não perde tempo: no mesmo número, numa caricatura (fig. 9), desenha uma grande bota – a bota de Braga e Guimarães – que os novos ministros do partido progressista (José Luciano de Castro, Mariano de Carvalho, Barros Gomes, Emídio Navarro...) carregam e que iriam ter que saber descalçar!

## O Bailio de Malta

O marquês de Valada, D. José de Meneses da Silveira e Castro, par do Reino por linhagem, avilista convicto, foi uma das figuras mais ridicularizadas por Rafael Bordalo que, durante anos, o caricaturou, por vezes semanas a fio, apresentando-o quase sempre como o Bailio de Malta visto tratar-se de um

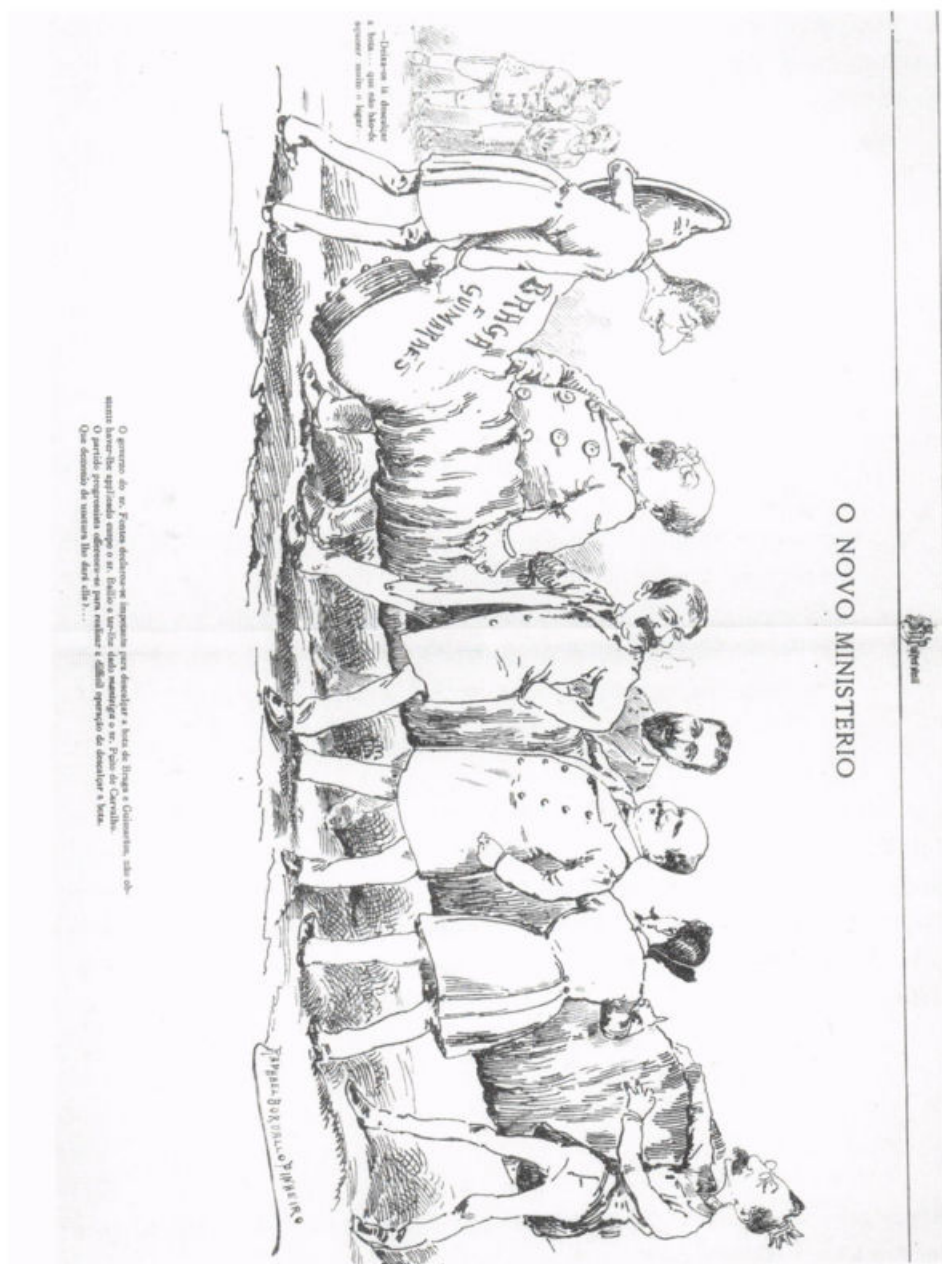


Fig. 9 – *Pontos nos II*, 25/ 2/ 1886, pp. 340-341.

comendador das ordens de Cristo e de Santiago, Bailio em Portugal da ordem de São João de Jerusalém (de Malta)<sup>12</sup>.

O marquês de Valada foi governador civil de Braga por duas vezes, primeiro em 1877, durante o ministério a que o duque de Ávila presidiu e depois em 1884, sob a presidência de Fontes Pereira de Melo. Muitas das referências a Braga nos periódicos de Bordalo devem-se a esta figura que o lápis do caricaturista transformou em personagem de comédia.

Sem pretender ser exaustiva na análise das referências (o que, só por si, daria um outro trabalho de dimensões semelhantes às deste) focarei apenas algumas que me parecem emblemáticas. Em 1884, a 18 de Dezembro, n' *O António Maria*, Rafael Bordalo é sarcástico a apresentar a chegada do Bailio a Braga (fig. 10): "o bom filho à casa torna..."; de dedo no nariz, à chegada, o desconchavado governador recebe o beija-mão do cônego e as saudações dos confrades.

Uma semana mais tarde, em pleno Natal a ceia do Bailio é encenada n' *O António Maria* de forma demolidora. Da ementa fazem parte "priosos estufados", "judeus lardeados de padres", "cônegos de rabo na boca", "beatas com tomates" e "sacristães de cebolada", tudo regado com uns bons "devotos de Baco"! (fig. 11). O tom de Bordalo nunca fora tão acre e maledicente!

O marquês de Valada continuaria, durante muito tempo, a ser o bombo da festa para Rafael Bordalo que, recorrentemente o apelida de imoral<sup>13</sup>. Esse é também o tom utilizado pelos colaboradores literários que, também neste aspecto, partilham das mesmas posições do caricaturista<sup>14</sup>.

Assim, em *Pontos nos ii*, muitas foram as caricaturas em que o Bailio de Malta surgiu, ou como vítima principal do gáudio ou como actor secundário da grande comédia nacional. As suas ligações a Fontes Pereira de Melo são sarcasticamente caricaturadas em "O Poder d' um Voto ou a Proclamação do Bailio" de 15 de Outubro de 1885<sup>15</sup>, (fig. 12) mas, no ano seguinte, outra caricatura intitulada "A Morte de Goliath"<sup>16</sup> mostra os inconvenientes políticos da situação, com Fontes (Goliath) a ser torpedeado pelo seu seguidor Valada (David) que lhe atestara uma pedrada que se via "ser de «mão experimentada...»".



Fig. 10 – O António Maria, 18/ 12/ 1884, p. 407.

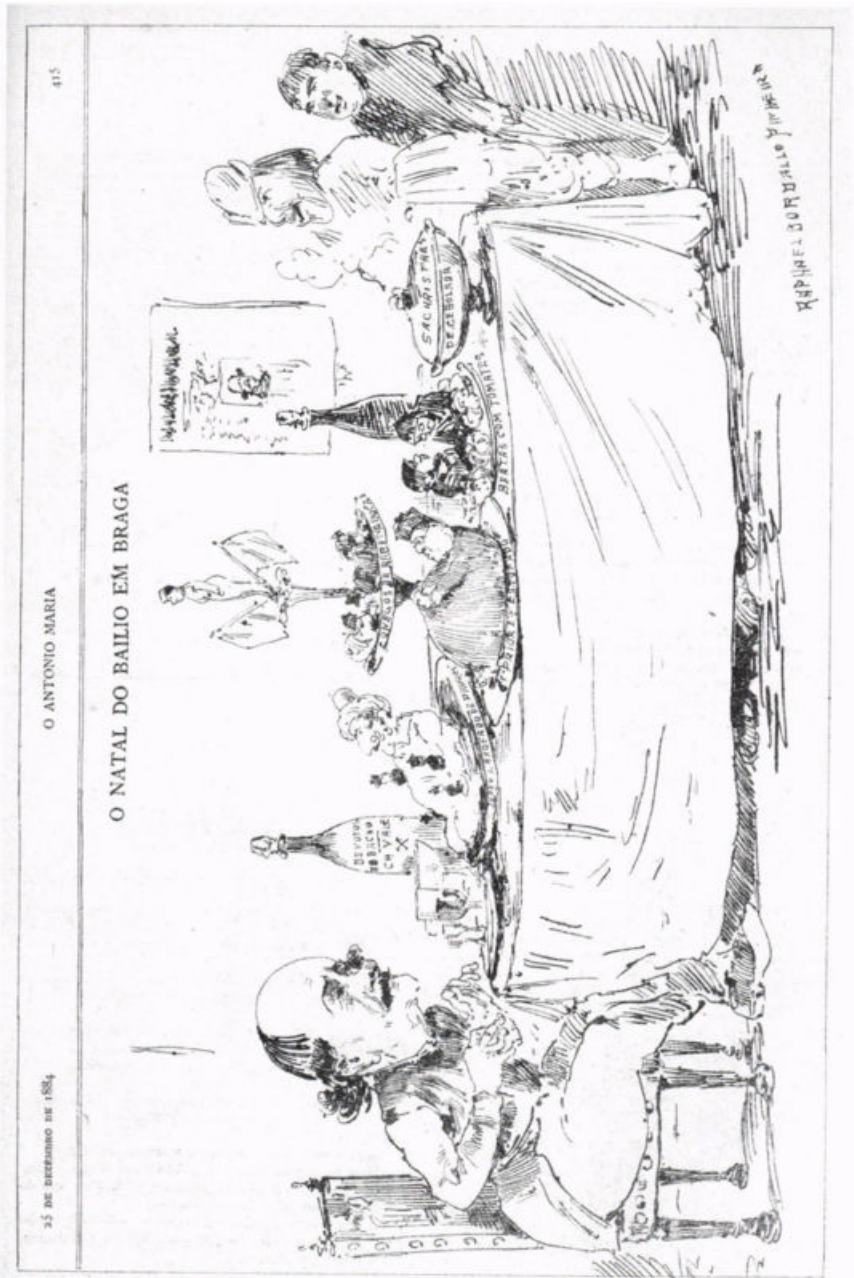


Fig. 11 – O António Maria, 25/ 12/ 1884, p. 415

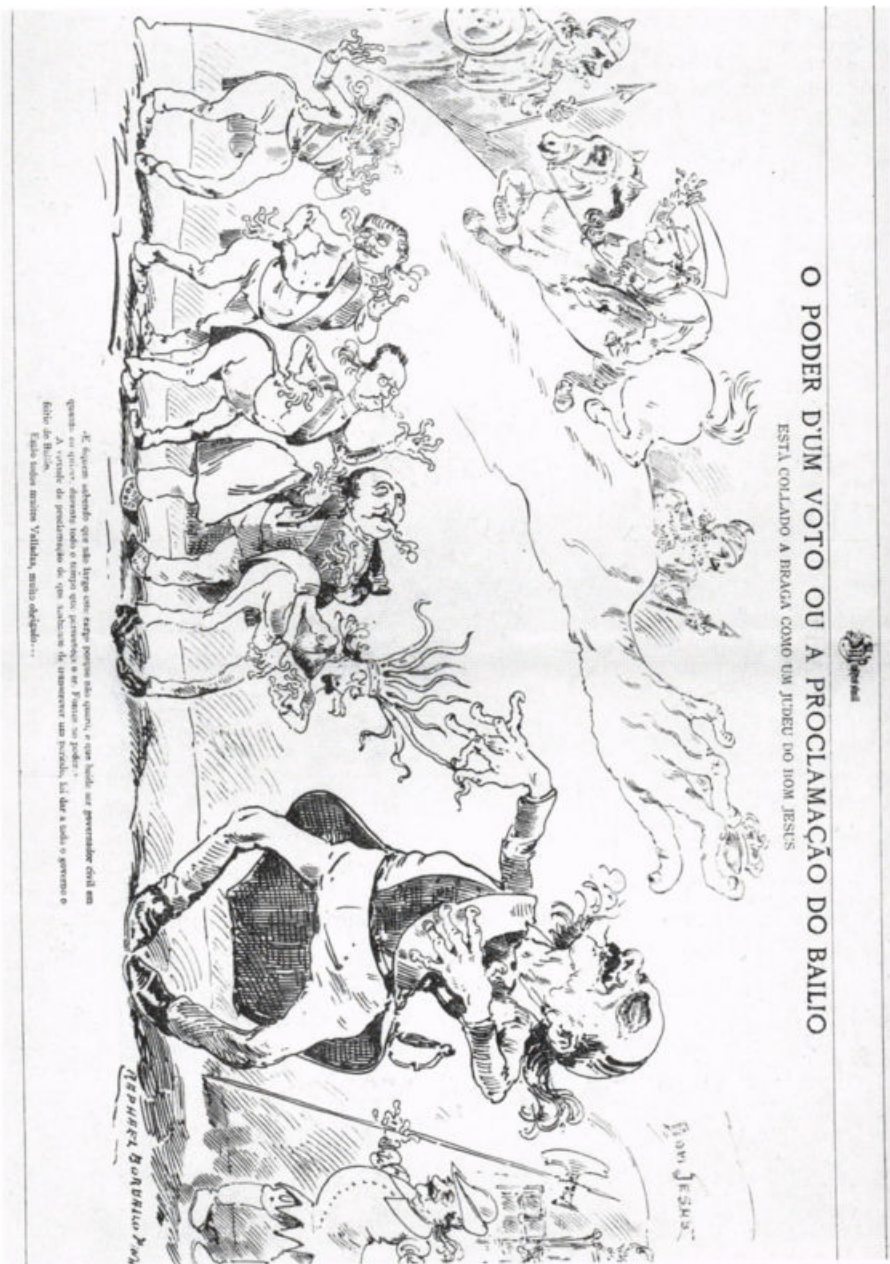


Fig. 12 – Pontos nos II, 15/ 10/ 1885, pp. 188-189.

Também num soneto intitulado “Coisas de Braga” (em 12/ 11/ 1885, p. 222), K-Rosa faz chacota do governador civil, dizendo que Braga parecia Berlim, com a quantidade de sabres, de peças e de carretas que o Bailio movimentava contra os infiéis! Do mesmo modo, Pan-Tarântula, em oito quadras, parodia o conflito que opôs o marquês a um certo doutor Borges de Infias, embate que, ao que parece, foi longo e teve diversos *rounds*, acabando por vencer o Bailio. Como não poderia deixar de ser, o nome “Infias” prestou-se a trocadilho, terminando Pan o poema da seguinte maneira:

Infias, ora enfiado  
 Pede mercê de mãos postas;  
 Marquês de gozo corado,  
 Não deu mercê, deu-lhe as costas.

*Pontos nos ii, 19/ 11/ 1885, p. 231.*

## Questões de toponímia...

Qualquer bracarense conhece ainda hoje a Rua da Cónega (actualmente chamada rua da Boavista<sup>17</sup>), também dita, popularmente, durante muito tempo, Rua das Cónegas. A polémica sobre esta designação tem sido, por vezes, acesa como o mostram, por exemplo, alguns artigos que, ainda nos anos 90, no *Diário do Minho* se debruçaram sobre o tema. Não cabe aqui debater a origem do nome – assunto a que José Marques dedicou uma nótula toponímica<sup>18</sup> – mas apreciar as imagens que Bordalo associou a essa nomenclatura e que difundiu no país n’ *O António Maria* de 16/ 12/ 1880, p. 409 (fig. 13).

Sob o título “Em Braga”, Rafael fez duas caricaturas: na primeira desenhou uma rua, cheia de cruces, com umas alminhas, onde pôs a circular um conjunto de personagens formais e recolhidas, envergando vestes religiosas, observadas reverentemente por várias mulheres; em primeiro plano, de costas, vê-se uma figura masculina, não identificada, de chapéu alto e capote. Na legenda pode ler-se: “Braga tal como a vimos há oito dias, devota e embuçada, passeando nessa rua de que ela tem o privilégio único sobre a face da terra: – a *Rua das Cónegas*.”. A segunda caricatura é engraçadíssima. Vários cónegos, em fila,



Fig. 13 – O António Maria, 16/ 12/ 1880, p. 409.



de bicicleta, percorrem a via sacra na dita rua perante uma mulher prostrada à sua passagem. A legenda comenta: “Braga tal como esperamos vê-la daqui a oito dias, renascida com os seus cónegos de um e de outro sexo para o movimento da civilização, depois de fundado o *Clube dos Velocipidistas*, que ali está em projecto no momento presente”.

Está por avaliar o impacto destas representações que circulavam por todo o país. Não esqueçamos que “os jornais, então, eram como que o centro da vida política e social. Por eles se liam os debates nas câmaras, se conheciam as disposições oficiais, se discutiam as directrizes do partido ou da facção expressas nos artigos de fundo, se sabiam os principais acontecimentos sobre variadas matérias, se dispunha de um meio de distração e divertimento” (TENGARRINHA 1989: 205). Ora, as publicações de Rafael Bordalo Pinheiro, até pelas suas particularidades, além de serem amplamente difundidas, eram observadas por camadas de formação cultural muito diversificada. Não era só a elite (com um determinado nível de percepção) que se deliciava com elas; os desenhos eram também facilmente perceptíveis pelos menos cultos.

## Episódios do quotidiano bracarense

Algumas notas sobre acontecimentos ocorridos na cidade foram, a espaços, salpicando os periódicos. Várias são pequenos *fait divers* humorísticos, às vezes com o seu quê de inédito, mas nem por isso menos reveladoras do pulsar de uma colectividade. Eis alguns dos episódios bracarenses relatados:

### Tumulto por causa de *Os Lazaristas*

Em 1875, estreia em Lisboa no teatro do Ginásio a peça em três actos de António Enes, *Os Lazaristas*. O número dois d’ *A Lanterna Mágica* assinala a sua 23.ª representação, sublinhando as enormes enchentes do espectáculo, não sem as considerar no entanto algo excessivas. A redacção do periódico era da opinião que o drama tinha alguns aspectos já gastos mas, dado o apoio do público, felicita o seu autor, dizendo: “António Enes seguiu por uma orelha a

reacção e expô-la. A reacção esperneou como se tivesse um ataque epiléptico" (p. 12). Aplaudia-se desta forma o cariz progressista da obra.

A peça, publicada em folhetins pela *Gazeta de Notícias*, deu origem e foi centro de acesas polémicas. Chegou a ser proibida no Brasil e foi objecto de vários textos críticos entre os quais se contou um folheto da autoria do padre Sena Freitas, intitulado *Os Lazaristas pelo «Lazarista» sr. Enes*.

Ora é este espectáculo – relativamente ao qual (e como é vulgar) quanto maior era a controvérsia, maior era o interesse do público – que um belo dia aparece anunciado para o teatro de S. Geraldo em Braga!

Vale a pena transcrever o artigo hilariante d' *A Lanterna Mágica* que conta o sucedido:

Sabendo alguns honestos católicos do Minho que Braga ia ser violada com um drama profundamente democrático, reuniram-se fazendo um abaixo-assinado, no qual pediam à autoridade a coisa mais simples do mundo: a proibição dos *Lazaristas*. O sr. Secretário geral que já tinha visado os cartazes, contemplando o protesto de 800 assinaturas contra o seu acto, fica perplexo. Passam no seu espírito as mais negras apreensões; lança-se ao telégrafo e dirige interrogações ao sr. governador civil. O sr. governador civil imita o secretário e repete as mesmas perguntas ao sr. ministro do reino. O sr. ministro ia insensivelmente a passar a pergunta, como fazem as sentinelas – *passe palavra*, mas receando não encontrar à mão o conselho de estado, toma a deliberação de mandar representar o drama, a todo o transe. Espalhada a nova em Braga, os senhores reaccionários resolvem solenemente protestar, e, enquanto no teatro de S. Geraldo ecoam os brados entusiásticos dos espectadores liberais, os católicos representados por uma filarmónica, formulam em colcheias e semifusas o mais enérgico protesto contra as perversas doutrinas da peça. Os trombones rugem pavorosos, as cornetas de chaves esbravejam, os cornetins rangem os dentes, o flautim silva como uma serpente, o zabumba parece possesso! A reacção, na impossibilidade de aniquilar à força o dramaturgo, descarrega desta forma, sobre ele, terríveis golpes de trombone! Pior para a arte, mas melhor para o pescoço do sr. Enes.

## Ecos da imprensa

Todavia, não obstante a obstinação com que a corrente mais conservadora da cidade<sup>19</sup> foi sempre por eles ridicularizada, os periódicos não deixaram nunca de saudar as iniciativas de sinal progressista também existentes em Braga. Uma delas diz respeito ao anúncio de um novo jornal que ia sair na cidade, "sob o título palpitante do *Comboio*". Da sua redacção fariam parte M. A. Espigueira, M. Queriol e um engenheiro Matos, autoproclamando-se a publicação "política, satírica e noticiosa". Brincando com o título, *A Lanterna Mágica* congratula-se com o projecto, dizendo que é muito oportuno por ser numa cidade em que uma parte da população ainda considerava o comboio como uma invenção do demónio.

Mais tarde, é noticiado pelo mesmo periódico um novo jornal em projecto em Braga: título – *O Campeão de Portugal*; tendência – anticlerical. Entusiasmada com mais este avanço da imprensa liberal, *A Lanterna Mágica* não deixa, porém, de comentar a megalomania do título: "Só nos parece que em vez da nova folha se denominar – *O Campeão de Portugal*, devia chamar-se *O Campeão de Braga*, ou quando muito – *O Campeão do Minho!*" (p. 128).

## Ocorrências no exército

Dois episódios hilariantes n' *O António Maria* de 1879 dizem respeito à vida no quartel em Braga. Em 21/ 8, p. 83, quatro quadras divertem-se a troçar de um médico, de nome Miguel Máximo, que semeava o terror entre os recrutas. O clínico é descrito "como um vento pestífero/ correndo todo o distrito". Já em 2/ 10, p. 131, informa-se que um coronel de infantaria 8 tinha reunido o regimento para, com todas as formalidades, elogiar os soldados por, naquele ano, não terem assaltado as vinhas!...

A missa de Braga por alma de Littré

A 16 de Junho de 1881, *O António Maria* homenageia o filósofo desaparecido com um retrato de Rafael Bordalo (feito por cópia de um de Liphart). Um mês depois, um artigo ilustrado sob o título “A missa de Braga por alma de Littré” relata que o padre Sena Freitas tinha tido a iniciativa da celebração de uma missa, em Braga, por alma do filósofo.

Depois de manifestar a surpresa pelo insólito caso, o articulista considera que Littré – baptizado *in extremis*, já moribundo, pela esposa – e devido à devoção bracarense veria certamente abertas as portas da bem-aventurança. Só que, tal facto seria susceptível de espoletar situações gravíssimas, dado que desse modo, na morte, o livre pensador iria ficar na companhia daqueles que o tinham hostilizado em vida! Depois de ter recordado cenas na Academia Francesa em que, ostensivamente, o arcebispo Dupanloup se tinha oposto a Littré, conclui o autor do artigo a propósito do clero bracarense:

Que a misericórdia divina se compadeça deles, porque eles não souberam decerto o que faziam!

Aquilo em Braga está num tal estado de inocência que até há quem diga que quando os padres foram à missa, a alma que eles cuidavam sufragar não era a do sr. Littré, mas a do sr Litra, – o que é diferente.

*O António Maria*, 14/ 7/ 1881, p. 219

A terminar

Quaisquer que sejam as opiniões acerca desta produção caricatural – e não podemos esquecer que a caricatura é sempre deformação: muda, condensa, exagera, distorce, altera (TILLIER 2002: 60) – o certo é que ela nos lega representações que se inscrevem num imaginário colectivo que, ainda hoje, cem anos passados, em muitos aspectos não se desvaneceu. Este constitui seguramente um dos ângulos aliantes para quem revisita as imagens que o lápis de Rafael Bordalo Pinheiro, em tempos, traçou.

## Notas

<sup>1</sup> A par de muitos outros trabalhos, de 1870 a 1905, data da sua morte, Rafael Bordalo Pinheiro foi proprietário e/ ou principal desenhador das seguintes publicações: *O Dente da Baronesa*, *A Berlinda*, *O Binóculo* (1870); *M. J. Ou a História Tétrica de Uma Empresa Lírica* (1873); *A Lanterna Mágica* (1875); *O Mosquito* (1875), *Psit!!!* (1877), *O Besouro* (1877), no Brasil; *O António Maria*. 1.ª série (1879/ 1885); *Pontos nos ii* (1885/ 1891); *O António Maria*. 2.ª série (1891/ 1898); *A Paródia* (1900/ 1905). Este último periódico, dirigido por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro ainda saiu, de forma bastante irregular, durante 1906 e 1907.

<sup>2</sup> Ver a este propósito José Mattoso (dir). (1993). *História de Portugal*, Volume V "O Liberalismo (1807-1890)". Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 373-377.

<sup>3</sup> Tinha 29 anos na altura.

<sup>4</sup> Os outros dois colaboradores literários, que – n' *A Lanterna Mágica* – se agrupavam com ele sob o pseudónimo de Gilvaz, eram Guilherme de Azevedo e Luís de Andrade (que assinava Júlio Verim).

<sup>5</sup> Faz caricaturas para *La Broma* (Madrid), para a *Ilustração Universal*, para *Itália, recordações*, para *Lisboa-Creche* e para o *Cancioneiro Musical Português*. Ver a propósito João Paulo Cotrim (2005). *Rafael Bordalo Pinheiro Fotobiografia*. Lisboa: Assírio & Alvim, El Corte Inglés, CML/ Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

<sup>6</sup> Pan-Tarântula, pseudónimo de Alfredo de Moraes Pinto, redactor d' *O António Maria*.

<sup>7</sup> Ver *O António Maria* de 5 de Junho de 1884, p. 180.

<sup>8</sup> A este propósito ver Rui Cascão "Vida Quotidiana e Sociabilidade" in José Mattoso (dir) (1993). *História de Portugal*, vol. V, Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 517-541.

<sup>9</sup> Mendonça e Costa era director d' *O Século*.

<sup>10</sup> Mais adiante abordaremos em pormenor esta personagem.

<sup>11</sup> Esta crónica é ilustrada por Bordalo que complementa o texto, desenhando o retrato de Masini ao lado de uma enorme tesoura.

<sup>12</sup> Na ordem de Malta, o baillio era o cavaleiro comendatário. Em Portugal chamavam-se baillios aos comendadores das comendas principais.

<sup>13</sup> Veja-se, por exemplo, a caricatura de 7/ 5/ 1885, p. 8, publicada em *Pontos nos ii*, em que Maria Paciência apresenta um conjunto de personalidades (Rafael Bordalo Pinheiro incluído) e em que – entre os vários adjectivos iniciados por "i" que são atribuídos a cada figura – coube ao marquês de Valada o epíteto de "imoral".

<sup>14</sup> Uma das características, aliás, das publicações de Rafael Bordalo reside na grande harmonia existente entre o material textual e o material iconográfico.

<sup>15</sup> É curiosa a repetida referência de Bordalo aos "judeus do Bom Jesus", quer em caricaturas quer nos textos escritos. Será que essas menções, tão insistentes, se reportam apenas às conhecidas imagens das capelas? É uma questão que fica em aberto e que deixo aos estudiosos da História de Braga.

<sup>16</sup> Em 20/ 2/ 1886, pp. 332-333.

<sup>17</sup> Ver Eduardo Pires de Oliveira (1982). *Estudos Bracarenses. 1 – As Alterações Toponímicas*. Braga: ASPA, p. 32.

<sup>18</sup> *Diário do Minho*, 1/ 1/ 1991.

<sup>19</sup> *O António Maria* de 25/ 9/ 1884, p. 310, informaria, por exemplo, que o partido legitimista de Braga tinha celebrado o aniversário de D. Miguel com um lauto banquete no Bom Jesus do Monte.

## Referências a Braga nos periódicos de Rafael Bordalo Pinheiro

As referências que se seguem aparecem nos mais variados suportes (texto escrito, caricatura, banda desenhada...), pelo que se colocam apenas as datas e as páginas (nos periódicos em que há numeração de página e data).

Quando duas páginas aparecem ligadas por um hífen, isso indica que se trata de uma caricatura dessa dimensão.

### A Lanterna Mágica

n.º 2: capa; pp. 9, 10, 12; p. 54, p. 69, p. 128, p. 144.

### O António Maria

1879

21/ 8, p. 83; 2/ 10, p. 131; 19/ 10, p. 159.

1880

16/ 12, pp. 409, 410.

1881

14/ 7, p. 219.

1882

23/ 3, p. 95.

1883

18/ 1, p. 19.

1884

29/5, pp. 172-173; 175; 5/6, pp. 178, 179, 180, 181,182, 183; 12/6, pp. 186, 188-189, 190; 19/6, pp. 193, 194, 199; 26/6, p. 208; 377, p. 214; 25/9, p. 310; 18/12, p. 407; 25/12, p. 415.

1896

7/ 3, p. 146.

### Pontos nos ii

1885

7/5, p. 8; 13/8, pp. 116-117; 10/9, pp. 150, 151; 15/10, pp. 187, 188-189, 192, 193; 22/10, pp. 196-197; 5/11, p. 211; 12/11, p. 222; 19/11, p. 231; 10/12, p. 251.

1886

7/ 1, pp. 283, 287; 14/ 1, p. 291; 21/ 1, pp. 300-301; 4/ 2, pp. 314, 315, 316-317, 318; 11/ 2, pp. 323, 326-327; 20/ 2, pp. 331, 332-333; 25/ 2, pp. 338, 339, 340-341, 342; 13/ 3, pp. 358, 359; 27/ 5, p. 446; 10/ 6, p. 459; 1/ 7, p. 486; 7/ 10, p. 587, 21 /10, p. 608; 28/ 10, pp. 612-613.

1887

31/ 10, p. 339; 5/ 11, p. 351.

1888

13/ 12, p. 807.

## Bibliografia

- CASCÃO, Rui (1993). "Vida Quotidiana e Sociabilidade" in MATTOSO, José (dir.) *História de Portugal*. vol. V, Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 517-541.
- COTRIM, João Paulo (2005). *Rafael Bordalo Pinheiro. Fotobiografia*. Lisboa: Ass'irio & Alvim, El Corte Inglés, CML/ Museu Rafael Bordalo Pinheiro.
- FRANÇA, José-Augusto (1975). *Zé Povinho na Obra de Rafael Bordalo Pinheiro.1875/1904*. Lisboa: Livraria Bertrand. Comemoração do Centenário.
- FRANÇA, José-Augusto (1976). *Rafael Bordalo Pinheiro. Caricaturista Político*. Lisboa: Terra Livre. Colecção Arte e Artistas.
- FRANÇA, José-Augusto (1982). *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal e Qual*. Lisboa: Livraria Bertrand. 2.ª edição.
- FRANÇA, José-Augusto (2005) "Cem Anos" in *Jornal das Letras, Artes e Ideias*, n.º 898, de 2 a 15 de Março, pp. 6, 7.
- LOPES, Maria Virgílio Cambraia (2005). *O Teatro n' "A Paródia" de Rafael Bordalo Pinheiro*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MARQUES, José (1991). "A Rua da Cónega. Nótula Toponímica" in *Diário do Minho*, 1 de Janeiro.

- MATTOSO, José (dir.) (1993). *História de Portugal. Quinto Volume. O Liberalismo (1807-1890)*. Lisboa: Círculo de leitores.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1982). *Estudos Bracarenses. 1 – As Alterações Toponímicas (1380-1980)*. Braga: ASPA.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1999). *Braga. Percursos e Memórias de Granito e Oiro*. Porto: Campo das Letras.
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1870) *O Calcanhar de Aquiles. Álbum de Caricaturas*. Lisboa: Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves.
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1870) *O Binóculo. Hebdomadário de Caricaturas. Espectáculos e Literatura*. Lisboa.
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1870). *A Berlinda. Reproduções de um Álbum Humorístico ao Correr do Lápis*.
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1873). *M. J. Ou a História Tétrica Duma Empresa Lírica*. Lisboa
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1875). *A Lanterna Mágica*. Lisboa:
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1879/1885). *O António Maria*. 1.ª Série. Lisboa: Tipografia Editora Matos Moreira.
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1885/1891). *Pontos nos ii*. Lisboa: Litografia Guedes.
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1891/1898). *O António Maria*. 2.ª Série. Lisboa: Manuel Luís da Cruz Editor.
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1900/1902). *A Paródia*. Lisboa: Editor Cândido Chaves.
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1903/1905). *A Paródia. Comédia Portuguesa*. Lisboa: Editor Cândido Chaves.
- PINHEIRO, Manuel Gustavo Bordalo (1906/1907). *Paródia*. Lisboa: Editor Cândido Chaves.
- TENGARRINHA, José (1989). *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 2.ª edição revista e aumentada.
- TILLIER, Bernard (2002) *RepubliCature. La Caricature Politique en France, 1870-1914*. Paris: CNRS Editions.